

***Favela*¹ representada: disputas em torno de nomeações e significações nas páginas de jornais cariocas (1951-1954)**

Favela represented: disputes over nominations and meanings on the pages of Rio newspapers (1951-1954)

Letícia Sabina Wermeier Krilow*

Resumo: O presente artigo objetiva analisar a forma como parte da “grande imprensa carioca” - *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Última Hora* - representou as áreas habitacionais chamadas *favelas* durante o Segundo Governo Vargas (1951-1954). A relevância do trabalho se encontra ao considerarmos que, no pós 1945, o Brasil passou por um acelerado processo de industrialização e urbanização, entretanto, tais processos não ocorreram espontaneamente, bem como geraram diversas consequências, nem todas positivas, o que causou sérios questionamentos. Assim, quando consideramos que um dos fenômenos mais impactantes desse período foi o grande aumento das áreas habitacionais chamadas de *favelas*, se torna relevante analisar a forma como este espaço urbano foi representado nos jornais. Dessa forma, levando-se em consideração o grande poder de legitimação/deslegitimação de ideias que os meios de comunicação possuem, notamos que a forma pela qual a *favela* é representada pode interferir ou legitimar tomadas de decisões políticas – políticas públicas -, o que possibilita vislumbrar que projetos de sociedade estão sendo difundidos, estando tais representações inscritas no que Bourdieu chama de *luta simbólica*, evidenciando também disputas entre os referidos jornais. Por fim, para tal proposta, a metodologia utilizada é a Análise de Conteúdo.

Palavras-chave: Imprensa. Favelas. Campo Jornalístico

¹ Como essa pesquisa não tem por objetivo fazer do termo *favela* um conceito, e sim analisar as diversas representações sobre tal palavra, nos mais distintos discursos, optei por continuar utilizando o termo *favela* ao invés de incorporar o termo politicamente correto de “comunidade” ao texto. Pois como veremos, a própria palavra *favela* é complexa, repleta de dubiedades, idas e vindas. Assim, utilizar o termo “comunidade” além de ser anacrônico, ainda descaracteriza e desconsidera o próprio conceito de representação. Neste sentido mantereí as palavras *favela(s)* e *favelado(s)*, mas sempre grifado em itálico quando as palavras forem minhas, já, quando são citações, tanto de autores da bibliografia quanto dos jornais e/ou outros documentos analisados, o termo ficará entre aspas.

* Graduada (2015) e Mestre (2018) em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente é doutoranda da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, bolsista Capes. É editora gerente da Revista Estudos Ibero-Americanos.

Abstract: The aim of this dissertation is to analyse how the major carioca press (*Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* and *Última Hora*) portrayed the housing areas called *favelas* (slums) during Getulio Vargas' second government (1951-1954). This work considers that, after 1945, Brazil went through an accelerated process of industrialization and urbanization. However, these processes did not occur spontaneously, but rather were conducted by a strong governmental interventionism. This interventionism brought intense changes into politic, social and economic fields, besides its consequences, not always good ones, which brought up serious questionings. When we consider that one of the most important phenomena of this time was the large increasement of the housing areas called *favelas*, it becomes relevant to analyse how this space formation was portrayed in the press. Considering that the press has the power of legitimize (or not) ideas, it is possible to notice that the way the *favelas* are represented can interfere or legitimize political decisions making. This allows to glimpse that the society is trying to constitute itself, then, this theme is inserted in what Bourdieu calls *symbolic struggle* for this purpose, the chosen methodology is Content Analysis.

Keywords: Press. *Favela*. Journalistic Field

Introdução

O Brasil, na década de 1950, está em meio a um processo de grande transformação, tanto em nível econômico, como social e político. Em aproximadamente quarenta anos (1930-1970), o país passa de agroexportador e rural para exportador de manufaturados e relativamente urbanizado. Em decorrência do seu ritmo acelerado, tal processo de industrialização e urbanização foi classificado por Thomas Merrick (1986, p.31) como o mais rápido vivido por uma sociedade ocidental moderna². Processo que gerou intensas mudanças no cenário nacional. Entretanto, esse fenômeno não ocorreu espontaneamente, mas partiu e se consolidou com o forte intervencionismo estatal, o que gerou a acentuação de alguns elementos próprios ao processo de industrialização, mas que nem sempre são positivos.

² Entre os anos de 1950 e 1964 a economia nacional apresentou um significativo crescimento geral, chegando perto de 6% ao ano, com a indústria sendo o polo motivador. Enquanto a agricultura alcançou a média anual de 4,6%, a indústria apresentou resultados mais significativos (9,1% a.a.), o que a tornou "o setor dinâmico da economia" brasileira. (BAER, 1966, p. 73, nota 3). Neste período então, consolidou-se a industrialização do país, com a passagem do sistema agroexportador para o industrial (BAER, 1996, p. 55).

Neste sentido, considerando a lógica de desenvolvimento da indústria moderna, o meio urbano e, preferencialmente, as cidades com uma estruturação mais complexa são os locais escolhidos para a instalação industrial (SINGER, 1973, p.32). Mas, após iniciado o processo, tais cidades tendem a atrair populações de outras regiões, assim, atrelada à industrialização tem-se a urbanização³.

Neste contexto, um dos fatores mais impactantes desse aumento não planejado da população urbana foi a “explosão” das áreas habitacionais de moradias precárias. Assim, o destino mais comum para essa população acabou sendo as áreas denominadas *favelas*. Dessa forma, a população chamada *favelada*, no Rio de Janeiro, passou de 169.305 em 1950 para 335.063 em 1960, o que significa um crescimento de 98%. Isso sinaliza um aumento proporcionalmente superior das áreas de habitação precária em detrimento das demais zonas habitacionais do Distrito Federal (ABREU, 1987, p.125-126).

Por isso, Valladares (2005, p.23) pontua que a década de 1950 é tradicionalmente classificada pela historiografia como o período de “expansão descontrolada das favelas”. Embora deva-se lembrar o argumento de Mike Davis (2006, p.32), no livro “Planeta Favela”, segundo o qual esse aumento das áreas classificadas como *favelas* neste período foi um fenômeno mundial e, não apenas brasileiro. Não por acaso que este é um período ímpar para se analisar as representações sobre essas áreas habitacionais.

No caso brasileiro, Valladares explica que as primeiras representações sobre a *favela* estavam atreladas à imagem do povoado de Canudos descrito por Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Assim a *favela* pertenceria “ao mundo antigo, bárbaro, do qual é preciso distanciar-se para alcançar a civilização” (VALLADARES, 2005, p.36). Posteriormente, entre o período das Reformas Pereira Passos até o final dos anos 1920, ocorre a “transformação da favela em problema social e urbanístico”, com o predomínio dos discursos de médicos, higienistas e engenheiros, que consideravam as favelas como “doenças, mal contagioso, patologia social a ser combatida” (VALLADARES, 2005, p.40).

³ Não por acaso que o incremento populacional no meio urbano foi muito impactante, principalmente nas grandes cidades, especificamente no Rio de Janeiro. Os dados a seguir, retirados do IBGE, demonstram os números desse aumento: em 1940, a população total do Rio de Janeiro era de 1.764.141 habitantes e, dez anos depois, já estava em 2.377.451, atingindo a marca de 3.307.163 moradores, no ano de 1960. Em outras palavras, em 20 anos, o incremento foi de 87%, isto é, superior à marca nacional, que foi de 70%, nesse mesmo período. Dados extraídos do IBGE relativo aos Recenseamento Geral do Brasil de 1940 e 1960.

Já a partir das décadas de 1920-30, demonstra Valladares (2005), há uma progressiva complexificação das reflexões e representações sobre as áreas classificadas como *favela*. Costa afirma que ocorreu um progressivo acúmulo de perspectivas que passaram a tratar a *favela* enquanto um *problema social*. No momento em que as áreas de habitação populares adquirem este *status*, elas são reconhecidas pelo Estado o que implica em uma reorganização das medidas da União para com essas formas de habitação, ou seja, o problema das moradias populares passa a ser um problema do Estado, pois, ao reconhecê-las como *questão social*, acaba as colocando sob sua tutela (COSTA, 2015, p.23).

Por seu turno dentro do contexto da *Era Vargas*, pela primeira vez, houve o reconhecimento da *favela* como um tipo de espaço urbano presente no território do Distrito Federal, o que possibilitou a elaboração de políticas públicas que visassem “melhorar as condições de vida dos favelados, contrariando a solução única de sua destruição anteriormente proposta” (VALLADARES, 2005, p.52)⁴.

Com a queda de Vargas, em 1945, e o retorno à democracia, tornou-se significativa uma nova constatação: o aumento numérico das *favelas* iria ter que necessariamente lidar com a abertura da participação política e a mobilização partidária revigoradas no período. Percebe-se um novo olhar sobre as *favelas*, na medida em que cada vez mais grupos populares seriam integrados no sistema político-eleitoral, a partir da Lei Agamenon de 1945⁵. Assim, diante da perspectiva de que os grupos populares formariam a base do eleitorado brasileiro, tornava-se patente a preocupação, nos grupos políticos e econômicos dirigentes, que as tensões sociais desencadeadas nas *favelas* poderiam interferir na vida política.

Ainda mais, com a reabertura política do pós-45, a discussão sobre quais medidas deveriam ser adotadas em relação às áreas habitacionais chamadas *favelas*, foram revigoradas, ao ponto de em 1948 Carlos Lacerda promover uma campanha

⁴ Tal reconhecimento ocorreu no Código de 1937 que permaneceu vigente até 1971, onde se introduziu o capítulo – XV “Extinção das Habitações Anti-Higiênicas”, com uma parte intitulada “Favelas”, do qual cito o artigo 349: “A formação de favelas, isto é, de conglomerados de dois ou mais casebres regularmente dispostos ou em desordem, construídos com materiais improvisados e em desacordo com as disposições deste decreto, não será absolutamente permitida”. (OLIVEIRA, 2014, p. 49).

⁵ A partir do novo Código Eleitoral, também conhecido como Lei Agamenon, o voto passou a ser obrigatório, adulto e universal (homens e mulheres), secreto e alfabetizado. Assim, mesmo com a manutenção do critério da necessidade de alfabetização para a condição de eleitor (SOUSA, 1976, p. 114), ocorreu uma considerável e crescente ampliação numérica da população com direito ao voto. Essa ampliação foi gradual, sendo que de um contingente de 1.466.700 eleitores em 1934, o Brasil passa a ter em 1960, 15.543.332 de votantes. Em termos brutos, isso equivale a uma ampliação em mais de 10 vezes o número de eleitores.

chamada “Batalha do Rio”. Nesta campanha, Lacerda, utilizando as páginas do jornal *Correio da Manhã*, conclamava “a sociedade para combater a expansão das favelas”, defendendo políticas remocionistas e não a urbanização das mesmas (COSTA, 2015, p.156).

Nestes termos, a década de 1950 tornou-se singular para a formação de representações sobre áreas nomeadas *favelas*, uma vez que ao longo dessa década, a percepção de que as zonas chamadas *favelas* poderiam não constituir apenas um elemento transitório foi ganhando espaço no Estado e no pensamento da elite econômica e política. Nessa perspectiva, medidas como a remoção – mesmo que ainda fossem cogitadas e postas em prática – não dariam conta de resolver essa questão social das habitações precárias, o que levou a mudança de estratégia por parte do Estado.

Mais especificamente no Segundo Governo Vargas, a *favela* ganha nova assistência e o Estado passa a desenvolver políticas públicas mais concretas, no sentido de auxílio e não de extinção. Essas áreas habitacionais não deixaram de ser um “problema”, mas passaram a ser inseridas mais efetivamente na agenda do Estado (VALLADARES, 2005)⁶.

Como podemos perceber o tema é controverso, especialmente porque, como vimos, a *favela* pode ser representada, nomeada, de diversas maneiras, sendo que essa representação implica na percepção que se tem do fenômeno, especialmente na formulação e/ou legitimação de políticas públicas – que podem oferecer soluções distintas e até opostas, como o saneamento ou a extinção. Políticas estas que dificilmente são concebidas isoladamente, sem estar associadas à defesa de projetos, principalmente, econômicos distintos. Nesta lógica, pode-se dizer que, por trás da expressão *favela*, temos não apenas um fenômeno relacionado à precarização das habitações urbanas derivado de fatores socioeconômicos, mas uma verdadeira *luta simbólica*, nos termos de Pierre Bourdieu, ou seja: uma luta pela definição mais legítima de uma palavra ou símbolo que é, ao mesmo tempo, uma luta pela significação social que estas palavras e/ou símbolos podem atribuir a grupos humanos, espaços geográficos e formas de existência.

⁶ Isso pode ser percebido na criação da Comissão de Favelas pelo prefeito do Rio de Janeiro João Carlos Vital (1951-1952), em 1952. Tal Comissão possuía o objetivo de centralizar as várias secretarias, serviços e departamentos que tratavam da questão no município e, ao médico Guilherme Romano, primeiro presidente da Comissão, foi dada a “função de executar o estudo e a coordenação dos diversos serviços no âmbito municipal que tinham atuação nas favelas”, para assim promover “a solução de seus problemas ligados à engenharia sanitária, à assistência médica e social” (OLIVEIRA, 2014, p. 70).

Daí a importância de estudar a imprensa como objeto e fonte de pesquisa sobre este tópico. Especialmente, se pensarmos os grandes jornais não só como difusores de informação ou de pensamentos externos a seu universo de produção, mas atores da cena política no Segundo Governo Vargas. Como já comentado, as transformações pelas quais o Brasil passou em pouco tempo foram muito marcantes, assim como, o fenômeno *favela*, em grau tão expressivo, foi novo e impactante. Mas ele não é passível de ser observado de imediato pelos indivíduos, sendo que a sua apreensão/significação passa pelas formas como tal fenômeno foi representado socialmente. E a grande imprensa tem um papel fundamental neste processo de representação dos espaços, especialmente os que apresentam rápidas transformações e, por isto, podem gerar “estranhamento”. Desta maneira, entender como os jornais cariocas representaram esse espaço urbano mostra-se fundamental, pois, ao trabalharmos na perspectiva chartiniana de que as representações são uma forma de hierarquização e valorização do mundo - e, com isso, construtoras deste mundo -, percebemos o potencial (des)legitimador que o discurso midiático tem sobre zonas de habitação precárias como as *favelas*, podendo justificar as mais diversas políticas públicas, desde a remoção, até o saneamento, além de, igualmente, permitir compreender o pensamento social que circulava nos grandes jornais.

Neste sentido, a escolha dos periódicos elencados para esta pesquisa - *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Última Hora* - não ocorreu de forma aleatória, mas por uma série de critérios. Primeiramente, a opção por jornais cariocas se deu pelo fato de o processo de “favelização”, termo encontrado no jornal *Correio da Manhã*, ser mais impactante no Rio de Janeiro, do que no restante do país, durante o Segundo Governo Vargas. Outro elemento importante na escolha dos jornais foi o fato destes serem tratados na bibliografia como defensores de doutrinas econômicas e políticas distintas, o que poderia implicar perspectivas diferentes nas tomadas de posição frente ao processo aqui estudado e todos os elementos a ele ligados, principalmente na mudança socioeconômica do país.

Além disso, conforme a bibliografia especializada, esses periódicos possuem posicionamentos e formas distintas de “fazer jornalismo”. O jornal de Wainer já nasceu nos moldes de um jornalismo chamado “moderno” que se consolidou na segunda metade da década de 1950. Buscou sua inserção no debate público a partir de um discurso que o colocava não apenas como o um “o jornal do povo”, mas como o jornal

que daria “voz” ao “povo”⁷. Por seu turno, o *Jornal do Brasil*, cuja proprietária, a partir de 1953, já via a necessidades de implementar reformulações no periódico, construía-se no debate público como um jornal liberal, católico e conservador (DHBB, 2001, 2869)⁸, isto, pelo menos até o início das reformas em 1956.

Por fim, o *Correio da Manhã*, resistente, não aderiu a este movimento de “transformação”, possivelmente pelo modelo de jornalismo, progressivamente incorporado na década de 1950, ser pautado nos ideais de neutralidade e objetividade jornalístico, posicionamento criticado pelo *Correio*, que se autoconstruiu como um “jornal de opinião” que defendia as “causas do povo”, não podendo por isto ser “neutro [...]”; há de ser forçosamente um jornal de opinião”⁹. Todos esses fatores interferem nas formas de apreensão e representação do mundo e influenciaram na escolha dos periódicos.

Nesse sentido, a partir das representações sobre *favela* pode-se identificar além de projetos de sociedade distintos, também disputas entre os jornais em busca de manter, melhorar, ou mudar suas posições dentro do que poderia ser considerado os contornos de um *campo jornalístico* em formação, para então, adquirir maior legitimidade no debate público, ampliando assim, sua capacidade de intervenção na sociedade. Isso posto, passaremos agora para a parte empírica do trabalho.

Favela em debate

Antes de entrarmos propriamente na análise dos textos jornalísticos, faz-se necessário uma pequena descrição do método utilizado para a formação do corpus documental. A formação do *corpus* de pesquisa, que ocorreu a partir do critério qualitativo, através de uma ferramenta disponibilizada pela Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional - permite o manuseio on-line de diversos periódicos – e que possibilita a busca por palavra (s) e/ou conjuntos de palavras nos jornais selecionados.

Para esta pesquisa, inseri no campo *busca por palavras* os seguintes termos: *favela; favelas; favelado; favelados; favelada; faveladas*. Com este procedimento, pude identificar que os mesmos aparecem nas mais variadas seções dos jornais. Assim,

⁷ “Banca do Leitor”, *Última Hora*, 12 de junho de 1951, p.2. 1ª seção, seção “Banca do Leitor”.

⁸ Esta abreviação refere-se ao Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: Pós 1930, coordenado por Alzira Abre e publicado pelo CPDOC/FGV em 2001.

⁹ “Correio da Manhã”, *Correio da Manhã*, 15 de junho de 1951, p.1, 1º caderno. Retomada do editorial de Edmund Bittencourt, publicado em 1902 em comemoração ao segundo aniversário do Correio.

efetuei a *leitura flutuante*, que me permitiu selecionar o material encontrado, com isso, retive apenas as publicações de tipo editorial, colunas (assinadas e não assinadas), artigos e reportagens, o que gerou um *corpus documental* de 160 textos. Destes, o *Correio da Manhã* possui 64 ocorrências, no *Última Hora* identificamos 44 textos, e o *Jornal do Brasil* fica no meio termo, com 52 textos¹⁰.

A seleção dos textos ocorreu a partir da proposta da investigação que é buscar apreender as representações sobre a *favela* que permeiam os jornais selecionados e não apenas o que cada empresa jornalística difundia como sendo a sua opinião institucional. Neste sentido, a incorporação de textos com diferentes tipos de produção discursiva faz-se extremamente relevante.

Ao analisarmos os textos selecionados observa-se que um elemento recorrente é a que se poderia chamar de *caracterização das favelas*. Assim, partindo da perspectiva de que quanto mais elementos dispersos em uma dada sociedade as representações sociais conseguirem mobilizar, mais legítimas estas tenderão a ser (CHARTIER, 2002b, p.17), questionamos: quais elementos foram mobilizados nas representações sobre *favela*? Essas representações foram convergentes e/ou divergentes entre os jornais?

Um dos elementos que teve destaque nos textos foi a construção da *favela* como *outro*. Inicialmente, devemos definir o que estamos concebendo como o *outro*. Neste caso, compreendemos este conceito como sendo a construção discursiva empregada por um sujeito (ser individual ou coletivo) para referir-se a outro sujeito (podendo igualmente ser individual ou coletivo) como diferente daquele que fala, a partir da alteridade¹¹. O *outro* então seria aquele que é caracterizado pelo enunciador do discurso como *diferente* com base em desvios dos parâmetros que o próprio enunciador estabelece como *normalidade*¹². Neste caso, este desvio é construído como para *baixo* ou para *fora* do que é o *normal*, dando uma ideia de que o *diferente* no *outro* é também inferior ou, no mínimo, estranho.

¹⁰ Em relação às especificidades dos textos, possuímos: 58 editoriais (dos quais: 9 editoriais principais, 49 editoriais menores – o editorial principal possui uma centimetragem maior e posição de destaque em relação aos demais textos não assinados), 17 Colunas não assinadas, 7 Colunas Assinadas, 31 artigos, 47 Reportagens.

¹¹ Tomamos a concepção filosófica de alteridade. Alteridade vem do latim *alteritas*, significa “ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro” (ABBAGNANO, 2007, p. 34-35).

¹² A diferença, do latim *differentia*, é “a determinação da alteridade. A alteridade não implica, em si, nenhuma determinação; p. ex., “a é outra coisa que não b”. A diferença implica uma determinação: a é diferente de b na cor ou na forma, etc. Isso significa: as coisas só podem diferir se têm em comum a coisa em que diferem: p. ex., a cor, a configuração, a forma, etc.” (ABBAGNANO, 2007, p. 276). Nesse sentido, o processo de diferenciação “é responsável por (re)construir/(re)produzir a alteridade, por definir quem é o “outro”, e torná-lo identificável, (in)visível, previsível. Ao dividir, separar, classificar, normalizar, a diferenciação resulta na hierarquização”. (PACHECO, 2004, p. 3).

Nesse sentido, quando examinamos o *corpus documental* dos jornais estudados, percebe-se a tendência de considerar a *cidade* e a *favela* como objetos distintos, quando não opostos. Em muitos textos publicados pelo *Correio da Manhã*, por exemplo, isto fica claro. Em suas reportagens, lemos que os moradores das *favelas* sentem “mais do que nós¹³ que moramos na cidade” os efeitos dos atos de “malandros”¹⁴, bem como são “os moradores da cidade, notadamente os que residem próximo aos pontos em que se instalam esses aglomerados humanos”¹⁵ que estão mais expostos aos constrangimentos causados por essas áreas de habitação.

Interessante, que, ao utilizar a expressão “nós que moramos na cidade”, nesse texto há a construção do jornal - *Correio da Manhã* - e seus leitores como diferentes dos moradores das *favelas* e de tudo o que elas possam representar. Essa questão fica mais instigante quando nos damos conta que tal construção ocorre na seção considerada como uma das mais populares do jornal: as reportagens constantes na área editorial chamada de *Gerico*¹⁶. Espaço através do qual o *Correio da Manhã* dizia prestar um serviço ao público, com “denúncia e cobrança de soluções por parte do poder público de questões urbanas de interesse da população do Rio de Janeiro” (AMOROSO, 2009, p.8).

Dessa forma, pode-se dizer que, a partir dessa seção, o *Correio* procura reforçar a imagem de que seria um jornal voltado às *causas populares*. Entretanto, como fica claro na fala que coloca a *favela* em oposição ao “nós que moramos na cidade”, as *causas populares* que o jornal diz defender não são propriamente as causas dos chamados *favelados*, mas sim dos grupos sociais que se sentem incomodados com a presença dessas áreas de habitação no Rio de Janeiro. O que pode ser compreendido como uma forma deste jornal construir a sua posição – e, assim, a sua distinção – no interior do *campo jornalístico*, oferecendo uma visão de mundo que poderia agradar os grupos

¹³ Todas as marcações em negrito nos textos citados dos jornais foram feitas por mim, para destacar pontos importantes da minha análise.

¹⁴ “Removidas algumas favelas da orla marítima”, *Correio da Manhã*, 15 de junho de 1952, p. 1, 4º caderno, reportagem *Gerico*.

¹⁵ “Multiplicam-se assustadoramente as favelas da Zona Norte da Cidade”, *Correio da Manhã*, 23 de agosto de 1953, p. 1, 4º caderno, reportagem *Gerico*.

¹⁶ *Gerico* foi o termo com que os repórteres da equipe do *CM* batizaram o carro da reportagem, em alusão ao animal jerico (burro), utilizado no interior como meio de transporte em encostas ásperas ou caminhos intransitáveis. Tendo em vista a ideia de que o carro de reportagem percorria caminhos análogos, especialmente para cobrir as zonas íngremes e mais populares do Rio de Janeiro, o apelido acabou “pegando” e virou a “cartola”, ou seja, o termo genérico para se referir às reportagens publicadas nos domingos que visavam atender ao “chamado popular”. As reportagens do *Gerico* passaram a ser publicadas a partir de 15 de novembro de 1948.

sociais melhor posicionados em termos de capital cultural e econômico, público alvo desta publicação, conforme as pesquisas tendem a nos informar¹⁷.

Ainda mais, nas páginas do *Correio da Manhã*, constantemente podemos ler que as áreas denominadas *favelas* possuem características próprias¹⁸, cujo incremento nos últimos tempos teria ajudado a formar um “clima das favelas”, que já está se espalhando pela cidade:

Sente-se o clima das favelas por toda a parte. É a cidade imunda e caótica é a grosseria das pessoas, a loucura e as taras que se vislumbram no fácil embrutecido do trocador de ônibus, o acanalhamento que reina nos trens da Central e em qualquer transporte coletivo, a desfaçatez com que trabalhadores andam seminus, pelas ruas mais aristocráticas da cidade.¹⁹

Um esforço de interpretação deve ser aqui empreendido para compreender a visão construída e difundida sobre a *favela* neste jornal: de um lado, a caracterização das pessoas que habitam este espaço urbano, cujos elementos, sustento, podem e até devem ser compreendidos por oposição ao “cidadão comum”, ao *nós*; e, de outro lado, a sua infiltração/difusão pelos demais espaços da urbe, emaranhando o *outro* e o *nós*. Assim, este *outro*, por ser “imundo”, difere da *cidade* higienizada, por ser “caótico”, difere da *urbe* organizada, gerada pelas remodelações urbanas, por ter a “grosseria”, a “loucura”, as “taras”, as “faces embrutecidas das camadas populares”, difere-se da polidez e do refinamento das classes mais abastadas, e, pela “desfaçatez com que trabalhadores andam pelos bairros aristocráticos”, difere e, ao mesmo tempo compromete, a cidade orgânica e hierarquizada, onde seus moradores sabem as posições que lhes cabem. Em suma, percebe-se que este “clima de favela” é construído como um *outro*, diferente, oposto ao “nós”, mas que o contamina, o perpassa.

Logo em seguida, neste mesmo escrito, podemos ler: “as favelas são uma imagem do Brasil. E o Rio de Janeiro, tornando-se cada vez mais próximo da realidade brasileira, é hoje dominado pelas favelas”²⁰. Em suma, identifica-se lamentos pelo que o Rio está se tornando, cabendo às áreas denominadas como *favelas* a culpa pela então

¹⁷ Conforme RIBEIRO (2007, p. 65), na década de 1950, o *Correio da Manhã* era um jornal voltado para a elite do Rio de Janeiro, sendo o mais “elitista” entre os diários cariocas, concentrando o seu público na “alta burguesia e classe média alta”.

¹⁸ “A favela, o ‘estilo da miséria’”, *Correio da Manhã*, 01 de julho de 1951, p. 4, 4º caderno, coluna não assinada sob a cartola *Arquitetura*.

¹⁹ “As favelas”, *Correio da Manhã*, 30 de janeiro de 1952, p. 4, 1º caderno, editorial menor.

²⁰ “As favelas”, *Correio da Manhã*, 30 de janeiro de 1952, p. 4, 1º caderno, editorial menor.

capital federal estar deixando de ser a “Cidade Maravilhosa”, o cartão postal de um Brasil “civilizado”, que inspirava músicos e poetas.

Há nos textos difundidos pelo *JB* convergência com esta imagem identificada nos escritos publicados no *Correio*. No artigo semanal do General Pedro Cavalcanti²¹, colaborador do jornal desde 1945, podemos ler que “as favelas são o *cavalo de Troia* dentro da Cidade antigamente e de fato maravilhosa”²². Em outro artigo, está escrito que a natureza exuberante e os bairros aristocráticos cariocas estão “tendo sua beleza ameaçada pelas favelas” e “os morros da Cidade, tão pitorescos outrora, se transformam em prateleiras de lata velha”²³. Verifica-se, especialmente nos artigos, uma aura de pesar e um tom de nostalgia ao passado. Seria este o passado gerado pelas reformas de Pereira Passos (1902-1906)?

No artigo de Brasília Machado Neto²⁴, também integrantes da equipe editorial do *Jornal do Brasil*, verifica-se o reforço da ideia de que a *favela* difere “da cidade” e se afirma

o Rio se compõe de duas cidades distintas e contrastantes. Na planície, contornando as praias, ocupando vales e subindo encostas, se desdobra a cidade múltipla, povoada de arranha-céus, com as suas artérias de circulação regurgitantes de automóveis, suas ruas sossegadas, a importância das suas mansões senhoriais. A outra cidade se dependura dos morros enxameados de favelas²⁵.

Neste trecho, podemos identificar uma ideia que será bastante recorrente sobre a *cidade dividida*, segundo a qual a *Cidade*, com *C* maiúsculo, como encontramos no trecho anterior, seria o verdadeiro símbolo de um Rio de Janeiro caracterizado pela

²¹ General do Exército Brasileiro, responsável pela implantação do sistema de ensino em Geografia e História nos Colégios Militares (PEDRO CAVALCANTI no Dicionário Histórico-Biográfico Pós-1930 do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas). Foi durante muitos anos colaborador do *Jornal do Brasil*, segundo o mapeamento que efetuei seus artigos começaram a ser publicados em janeiro de 1945, sendo os últimos encontrados em fevereiro de 1953. Entre 1951 até fevereiro de 1953, seus textos eram publicados semanalmente, na quinta página do jornal.

²² “O Problema das favelas”, *Jornal do Brasil*, 16 de abril de 1951, p. 5, 1º caderno, artigo do General Pedro Cavalcanti.

²³ “Problemas do Distrito Federal”, *Jornal do Brasil*, 17 de outubro de 1952, p.6, 1º caderno, artigo de L. S..

²⁴ Brasília Machado Neto era empresário e político, tendo sido deputado e presidente da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo pelo PSD. Foi também diretor da Associação Comercial e da Confederação Nacional do Comércio e membro fundador do Senac e do Sesc, na capital paulista, tendo criado a revista de tom conservador *Problemas Brasileiros*. Em 1947, elegeu-se deputado pela legenda do Partido Social Democrático, à Assembleia constituinte de São Paulo. Iniciou a publicação de colunas no *Jornal do Brasil* em maio de 1953, já a partir de outubro passou ter seus artigos publicados nas quintas feiras, ao lado do editorial.

²⁵ “Favelas”, *Jornal do Brasil*, 05 de agosto de 1954, p. 5, 1º caderno, artigo de Brasília Machado Neto.

organização, pelo respeito à natureza, pela sintonia com o moderno²⁶, cuja origem e talvez até a existência diz respeito ao passado do Distrito Federal. Um Rio de Janeiro, porém, incompatível com as áreas denominadas *favelas*, mas cuja presença o transforma quando não o destrói.

O mesmo encontramos em um editorial do *Correio da Manhã*²⁷:

ao lado das edificações que ainda constituem uma compensadora expressão estética da capital do país, em face ou quase entestando com os próprios arranha-céus, superabundam as favelas, com aglomerados que impressionam pela promiscuidade e pelo total desconforto²⁸.

Deve-se salientar, porém, que, apesar de nostálgica, esta percepção encontrada nas páginas dos jornais *JB* e *CM* não é de todo incompatível à transformação e modernização²⁹. Fica claro neste discurso que o Rio das “ruas sossegadas”, da “imponência das mansões” e das “edificações que ainda constituem expressão estética da capital” – mesmo sendo tributário de um passado positivado - está conseguindo se adaptar às ruas agitadas por milhares carros e aos novos aspectos estéticos dos arranha-céus – expressões do moderno -, sem perder o caráter de “Cidade Maravilhosa”. Entretanto, a dita *favela* - e a presença dos chamados *favelados* - vai à contramão deste processo, pois, “perturba o ambiente estético de arranha-céus novos”³⁰, em oposição ao ideal de embelezamento urbano.

Esta mesma percepção aparece em outro articulista do *JB*, o engenheiro e urbanista Jerônimo Cavalcanti³¹, uma autoridade na área e defensor do “determinismo geográfico”, ao pregar a influência da topografia na formação da mentalidade das

²⁶ Moderno como aquilo que se identifica com as ideias de progresso e renovação, “um processo amplo de racionalização que atinge as esferas da economia, da política e da cultura” (SILVA, 2014, p. 298).

²⁷ Reforçando que tratamos os textos não assinados, especialmente, nas páginas de opinião do jornal, como a opinião do jornal.

²⁸ “Sistema que falou”, *Correio da Manhã*, 12 de julho de 1953, p. 4, 1º caderno, editorial menor.

²⁹ Compreende-se a modernização como: “processo de mudança econômica, social e política pelo qual determinada sociedade supera estruturas tradicionais (de base rural), criando novas formas de produção, mecanismos racionais de dominação e novos padrões de comportamento. Industrialização, urbanização, desenvolvimento dos sistemas de transporte e comunicação de massa são fenômenos característicos do processo de modernização” (SANDRONI, 1999, p. 403-404).

³⁰ “Sistema que falou”, *Correio da Manhã*, 12 de julho de 1953, p. 4, 1º caderno, editorial menor.

³¹ Jerônimo Cavalcanti foi engenheiro da Prefeitura do Distrito Federal e professor de urbanismo da Universidade do Distrito Federal.

peçoas³². Segundo ele, se, por um lado, no Rio de Janeiro existe Copacabana que possui

a praia, devidamente aproveitada, proporcionando a oportunidade do esporte, do banho de sol e de mar, concentrou grande densidade demográfica, criou o metrô quadrado astronômico e conseqüentemente o problema do espaço vital. Surgiu o arranha-céu. Uma arquitetura luxuosa define o bairro³³.

Por outro, há o Morro da Providência, onde

o morro genésico escarpado, fator geográfico adverso de acesso penoso e difícil, amontoou uma população desfavorecida e descrente. Surgiu uma favela. Uma arquitetura maltrapilha define o bairro³⁴.

Há de se considerar que não podemos equivaler a opinião presente em um artigo assinado, como o do urbanista Jerônimo Cavalcanti, com o posicionamento oficial do jornal no qual ele é publicado. Entretanto, o ponto de vista por ele apresentado é convergente com o que encontramos nos demais textos analisados do *JB*, sendo eles de autoria da própria equipe de redação do jornal. Mas não se deve perder de vista que a divulgação do texto do urbanista, agente de prestígio e reconhecido entre os pares em seu campo de origem, é, segundo nossa interpretação, extremamente útil para legitimar a perspectiva de que a *favela* difere *da cidade* ou, pelo menos, difere de um ideal de cidade projetado nos textos publicados por esse periódico, ligado ao modelo francês e baseado, ao que é possível perceber, no urbanismo sanitaria³⁵, voltado ao melhoramento e embelezamento e pouco preocupado com a funcionalidade.

³² O determinismo geográfico, também conhecida como “teoria dos meios” é a teoria que defende que o “meio” (clima, solo, localização espacial) possui influência sobre o homem, tendo como seu principal pilar os escritos de Friedrich Ratzel. (BERNARDES, 1982, p. 394).

³³ “Marcha Morfológica urbana, frente à topografia adversa”, *Jornal do Brasil*, 01 de julho de 1951, p. 1, 2º caderno, artigo de Jerônimo Cavalcanti.

³⁴ “Marcha Morfológica urbana, frente à topografia adversa”, *Jornal do Brasil*, 01 de julho de 1951, p. 1, 2º caderno, artigo de Jerônimo Cavalcanti.

³⁵ O urbanismo sanitaria surge na Europa no final do século XVIII e início do XIX, a partir dos estudos realizados por médicos sanitaria, que depois foram incorporados pelos engenheiros. Os princípios do urbanismo sanitaria estão baseados na “teoria dos meios”, que relaciona as características do meio físico (clima, posição geográfica, qualidade da água) às condições de saúde das cidades. Assim, seu discurso, era pautado “no axioma de que um bom meio forma um bom cidadão” (MÜLLER, 2002, p. 18). Nesse sentido, “a ideia de que as reformas urbanas – vale dizer, o saneamento e embelezamento das cidades – constituem a via pela qual é possível atingir a melhoria social, elevando-se o padrão moral das classes populares, surge como princípio comum tanto a higienistas sociais, quanto a sociólogos ou partidários da “ciência das cidades” (ANDRADE *apud* MÜLLER, 2002, p. 18-19). Cabendo ao urbanismo a tarefa de “disciplinar os comportamentos sociais tanto nos espaços públicos quanto nos espaços privados”. Assim, “as cidades europeias foram sendo submetidas, “sob o manto civilizador da ciência” a

Nesse sentido, levanta-se a hipótese de que os textos publicados pelo *Correio da Manhã* e pelo *Jornal do Brasil*, ao construírem a *favela* como o *outro*, acabam construindo imageticamente, por oposição ou negação deste *outro*, uma cidade ideal próxima da perspectiva do urbanismo sanitaria e do movimento das “Cidades Jardins” característicos da *Belle Époque*.

Interpretação que é reforçada quando se percebe que uma das grandes preocupações dos escritos difundidos por ambos jornais é com as consequências estéticas das *favelas* para o Rio de Janeiro, como podemos notar na avaliação presente em uma reportagem do *Gerico*, no *Correio da Manhã*, na qual se comparam duas *favelas*, Jacarezinho e Rocinha: a segunda é a que “causa maiores prejuízos à cidade, em face de sua localização”, já a primeira (Jacarezinho) “fica escondida. O morro, agora todo construído, de barracões, é visto de perto apenas por quem passa pela Rua Viúva Cláudio, quase sem movimento e despida de qualquer interesse para atrair visitantes, mesmo cariocas”³⁶. Mais adiante, nesta mesma reportagem, encontramos a preocupação de que na “Avenida Niemayer está surgindo outra favela, exatamente em frente à da Rocinha”³⁷, e que esta é “capaz de prejudicar a beleza da cidade”, gerando no impresso a curiosa confiança de que ela não irá progredir em função da “interferência das autoridades”³⁸.

A perspectiva de desordenamento decorrente da ausência de urbanismo³⁹, que diferiria as áreas chamadas *favela da cidade* idealizada pelos textos publicados no *JB* e *CM*, reaparece no artigo do arquiteto Benjamim Carvalho⁴⁰, autor de tese e livro sobre

uma série de reformas urbanas e sociais, visando ensinar às pessoas a viverem de forma civilizada” (MÜLLER, 2002, p. 25-26).

³⁶ “Crescem assustadoramente as favelas da cidade”, *Correio da Manhã*, 08 de novembro de 1953, p. 1, 4º caderno, reportagem *Gerico*.

³⁷ Para facilitar a localização das referidas favelas ver anexo R.

³⁸ “Crescem assustadoramente as favelas da cidade”, *Correio da Manhã*, 08 de novembro de 1953, p. 1, 4º caderno, reportagem *Gerico*.

³⁹ Alfred Agache atribui a si a criação do vocábulo Urbanismo, com o significado de ser “uma ciência e uma arte e, sobretudo uma filosofia social. Entende-se por Urbanismo o conjunto de regras aplicadas ao melhoramento das edificações, do arruamento, da circulação e do descongestionamento das artérias públicas. É a remodelação, a extensão e o embelezamento de uma cidade levados a efeito mediante um estudo metódico da geografia humana e da topografia urbana sem descuidar as soluções financeiras” (AGACHE, 1930, p. 4).

⁴⁰ Autor já trabalhado anteriormente, classificado como proveniente do campo acadêmico e, dentro deste do subcampo da Arquitetura e Urbanismo. Benjamin de A. Carvalho teve dois trabalhos publicados no *Jornal do Brasil*, sendo que o primeiro, “O problema higiênico das favelas”, fruto da tese de Livre-Docência em Higiene da Habitação – Saneamento das Cidades, Faculdade Nacional de Arquitetura, Universidade do Brasil, RJ, e que foi reproduzido pelo jornal, apenas um mês após ser publicado em livro.

o tema, quando encontramos a descrição das ruas e das casas dessas áreas habitacionais:

as subidas tortuosas e as escadas efêmeras esculpidas no terreno estão sujeitas a desaparecimentos súbitos nas ocasiões de chuvas. Pela própria forma de acesso acidentado, a construção dos barracos é executada sem cuidados de arruamento ou acesso, ao acaso, o que estabelece uma gênese de povoado enquadrada nos moldes de um atravancamento desordenado⁴¹.

Neste artigo difundido pelo *JB*, que é uma parte da tese publicada em livro do Benjamim Carvalho, observa-se a diferenciação da zona habitacional chamada *favela* em relação aos demais tipos de moradia, na medida em que as habitações na primeira são construídas ao “acaso”, sem preocupações maiores com as intempéries climáticas ou mesmo com a base estrutural das casas, sem o cuidado com a circulação tanto de pedestres quanto de carros, algo incompatível com a “cidade” de ruas largas, pavimentadas, onde as construções seguem normas e leis na sua edificação. Aqui, novamente percebe-se a estratégia do *Jornal do Brasil* de buscar a fala de um agente de prestígio em outro campo para legitimar as posições que o próprio jornal está construindo sobre o tema.

Por fim, um elemento importante na construção da *favela* como o *outro* encontra-se nas metáforas biológicas⁴². É recorrente a utilização destas metáforas para se referir à cidade, ao seu funcionamento interno e à sua posição em relação ao restante do país, geralmente, frutos de uma visão organicista de mundo⁴³. No que se refere às áreas denominadas *favelas*, percebe-se nos jornais citados que estas áreas habitacionais seguidamente são representadas como uma *doença*, sendo esta *doença* em muitos casos comparada com um câncer. Estas imagens são muito presentes nos textos de opinião do *JB*, quer seja pelos seus títulos - “O nosso câncer social”⁴⁴ -, quer seja por algumas

⁴¹ “A favela, a sua topografia e a higiene”, *Jornal do Brasil*, 08 de julho de 1951, p. 1, 2º caderno, artigo do Arquiteto Benjamin de A. Carvalho.

⁴² As metáforas biológicas são estratégias discursivas que buscam explicar os diversos aspectos da sociedade a partir do estabelecimento de relações entre a vida orgânica e a vida social.

⁴³ A teoria organicista faz uma analogia da sociedade com um organismo, onde as partes cooperam umas com as outras, formando um sistema. É uma concepção hierárquica de sociedade, onde as diferenças são consideradas naturais, por isso, cada parte tem uma função específica que deve ser desempenhada em prol do bom funcionamento do organismo. Segundo Radcliffe-Brown, é preciso cuidado, pois, assim como a sociedade, o “organismo não é em si a estrutura; é um acúmulo de unidades (células e moléculas) dispostas numa estrutura, isto é, numa série de relações; o organismo tem uma estrutura”. Por isso a “estrutura deve, pois, ser definida como uma série de relações entre entidades” (RADCLIFFE-BROWN, 1973, p. 221).

⁴⁴ “O nosso câncer social”, *Jornal do Brasil*, 13 de outubro de 1951, p. 5, 1º caderno, editorial menor.

expressões - “câncer citadino”⁴⁵ -, quer seja, enfim, por frases mais contundentes nas quais o jornal defende que “as favelas são cancros que convém extirpar e não fazer proliferar”⁴⁶. Nesta mesma direção, em um escrito do *Correio da Manhã*, tem-se a constatação de que a zona de habitação classificada como *favela* é uma “calamidade citadina”⁴⁷, um “câncer que devora a ‘hinterland’ brasileira”⁴⁸.

A construção dessas áreas como uma doença é ainda detectada quando os jornais se referem a *favela* como uma chaga⁴⁹, uma lepra⁵⁰. A chaga, uma ferida aberta, a lepra uma doença contagiosa que causa deformidades. Nesse sentido, a representação da *favela* como uma doença acaba mobilizando diversas figuras com forte presença no imaginário social (BACZKO, 1985) e grande poder interpelativo, na medida em que a simbolização ligada à doença remete à ideia de uma alteração, de algo nocivo, que prejudica o bom funcionamento de um corpo. Pior ainda, no caso do câncer, é algo que destrói, corrói por dentro, logo, é necessário que seja “extirpado”. Nestas representações, ao contrário do que vimos anteriormente, a região classificada como *favela* é concebida como parte da cidade, entretanto, ela é *a parte podre*, uma anomalia, um *outro* dentro do mesmo, um corpo estranho, incompatível e inviabilizador da *Cidade ideal* construída pelos textos difundidos pelos periódicos.

Em síntese, constata-se que, ao construir as regiões nominadas de *favelas* como o *outro* que difere *da cidade*, os escritos publicados tanto pelo *Correio da Manhã* quanto pelo *Jornal do Brasil*, tomaram como parâmetro de comparação um Rio de Janeiro mais idealizado do que *real*. Esta idealização, por sua vez, parece remeter a uma visão de cidade pautada nos ideais do urbanismo sanitário que tem como objetivo a remodelação, a extensão e o embelezamento, isto é, está comprometida com elementos normativos que foram implementados no Rio no início do século XX, mas que tem suas raízes na Paris do século XIX.

Aliando-se essa perspectiva com a representação da *favela* como “doença”, não se deve esquecer a capacidade hierarquizante e valorativa das representações, neste

⁴⁵ “As ‘favelas’ do Rio”, *Jornal do Brasil*, 08 de julho de 1951, p. 5, 1º caderno, editorial menor.

⁴⁶ “A ‘Ordem do Dia’ da Câmara dos Vereadores”, *Jornal do Brasil*, 04 de junho de 1952, p. 6, coluna “A ‘Ordem do Dia’ na Câmara dos Vereadores”, assinada por S.L.

⁴⁷ “A cidade das favelas”, *Correio da Manhã*, 21 de outubro de 1951, p. 4, 1º caderno, editorial menor.

⁴⁸ “As favelas”, *Correio da Manhã*, 30 de janeiro de 1952, p. 4, 1º caderno, editorial menor.

⁴⁹ “Solidariedade Humana”, *Jornal do Brasil*, 30 de dezembro de 1952, p. 5, 1º caderno, editorial menor; “Registro Literário”, *Jornal do Brasil*, 11 de março de 1953, p. 6, 1º caderno, artigo de Joaquim Thomaz; “Defender os favelados”, *Última Hora*, 05 de julho de 1951, p. 4, 1º caderno, Coluna *Fala o Povo na Última Hora*.

⁵⁰ “Coquetel”, *Jornal do Brasil*, 17 de maio de 1952, p. 8, 1º caderno, coluna *Notas Sociais*, assinada por Maria Eugênia Celso.

caso, fortemente negativas. Ou seja, nos termos de Bourdieu, os jornais estariam contribuindo fortemente para a formação de uma visão estigmatizante das áreas de habitação precárias classificadas com *favelas* o que é o mesmo que estigmatizar também seus moradores. Exercendo, assim, o que o sociólogo francês classifica como violência simbólica, ou seja, a violência da valoração negativa praticada por aqueles que controlam os meios de criação e difusão das representações sociais dominantes, o que se acrescenta à violência física decorrente das desvantagens materiais dos moradores pobres das periferias urbanas (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

Vale destacar, nesta caracterização, a predominância no *Correio da Manhã* de textos editoriais e das reportagens do *Gerico* e, no caso do *Jornal do Brasil*, ressalta-se os artigos assinados por articulistas que compõe sua equipe fixa de redação e o recurso a autores externos, reconhecidos em outros campos. Essa situação pode ser um sintoma das posições que esses jornais tradicionalmente ocupam no interior do *campo jornalístico*. O *Correio* em uma posição dominante, reconhecido pelo público e por seus pares como o mais influente jornal carioca. Reconhecimento construído e reforçado pela autorrepresentação do periódico como um “jornal de opinião”, mas sem vínculos partidários (RIBEIRO, 2007, p.66), tornando-se o produtor por excelência de suas falas.

Já o *JB*, na década de 1950, está em uma trajetória descendente e, dessa forma, o apelo à publicação de textos de articulista prestigiados e mesmo de agentes provenientes de outros campos poderia ser uma estratégia que visa buscar externamente a autoridade sobre um tema difícil que a sua fala própria não lhe pode mais permitir, a partir de uma transferência do capital de prestígio que os autores que assinam os textos para o jornal retiram da sua área de origem.

Por seu turno, identifica-se que não há referências a textos publicados pelo jornal *Última Hora*. Essa situação é decorrente da ausência da visão, neste periódico, de que a *favela* seria o *outro*, ou seja, não existe a mobilização de elementos que configurem essa perspectiva neste diário, silêncio que é interpretado como sintomático da posição que ele procura construir e ocupar no interior do *campo jornalístico* através de uma visão diferente das questões sociais.

Neste sentido, é lícito trazermos algumas passagens difundidas por este periódico. A este respeito, podemos ler em uma reportagem que mais de 300.000 pessoas “vivem como porcos, trepadas como cabritos nas fraldas das montanhas, onde

falta tudo”⁵¹. Em outra reportagem, agora sobre a “Favela do Esqueleto”, lê-se que seus habitantes “vivem no lodo e no lixo”⁵². Já outro texto de reportagem enfatiza a situação de “crianças paupérrimas, mulheres humildes, de pés descalços, trabalhando. Crianças e adultos com latas d’água na cabeça, e não é outro panorama”⁵³. Sendo assim, poderíamos concluir que o *Última Hora* compartilharia de uma visão negativa de degradação material e, conseqüente, degradação moral dos habitantes das referidas *favelas*?

Na verdade, mesmo que não esconda a miséria material dos considerados *favelados*, a folha de Samuel Wainer, nas reportagens de sua equipe, procurou salientar outros aspectos dos moradores dessas regiões da cidade. Nestes textos identifica-se que as chamadas *favelas* não são apenas um lugar de miséria, pois, “nelas residem inúmeros elementos com capacidade econômica para melhorar seu padrão de vida”⁵⁴, sendo que os salários são os mais variados possíveis⁵⁵ e

as condições econômicas dos seus habitantes não são tão precárias como afirmam apressadas estatísticas. A renda bruta mensal dos moradores da Praia do Pinto, em 1950 foi de 450 mil cruzeiros, o que demonstra, claramente, que as famílias podem pagar um aluguel de 200 a 250 cruzeiros por uma habitação de madeira higiênica e que não degrade o ser humano⁵⁶.

Ainda mais, nas *favelas* vivem muitos pobres, mas também alguns abastados,

gente que ganha bem: na Praia do Pinto, por exemplo, morando naquelas palhoças imundas, existe uma quantidade enorme de segurados dos diversos Institutos, com exceção de bancários. Ganha daqui, ganha dali, acumulando diversos empregos humildes, seja na Legião, seja na prefeitura, seja no comércio ou nas indústrias, o pai de

⁵¹“Dinheiro chorado das favelas”, *Última Hora*, 13 de junho de 1951, p. 6, 1º caderno, reportagem de Edmar Morel.

⁵²“A 10 minutos da Avenida 5 mil pessoas vegetam num monturo de lixo”, *Última Hora*, 26 de junho de 1951, p. 12, 1º caderno, reportagem de Edmar Morel.

⁵³“Cresce uma favela na ladeira do Ascurra”, *Última Hora*, 07 de maio de 1952, p. 2, 2ª seção, reportagem.

⁵⁴“Impõe-se uma definição do Ministério do trabalho sobre o premente problema das casas populares”, *Última Hora*, 07 de agosto de 1951, p. 2, 1º caderno, reportagem.

⁵⁵“Os Ministérios da Fazenda e da Educação receberam alugueres de miseráveis casebres do ‘Esqueleto’”, *Última Hora*, 14 de setembro de 1951, p. 3, 2º caderno, reportagem de Edmar Morel.

⁵⁶“Dinheiro chorado das favelas”, *Última Hora*, 13 de junho de 1951, p. 6, 1º caderno, reportagem de Edmar Morel. Para localização geográfica da “Favela da Praia do Pinto” ver anexo R. A “Favela da Praia do Pinto” estava na “agenda de remoções” do governo militar, então n a madrugada de 11 de maio de 1969, enquanto se realizavam os preparativos para o início das remoções, um incêndio destruiu mais mil construções, o que acelerou a remoção da dita favela.

família tem um ordenado de 3 mil cruzeiros fora o que recebem as mulheres e as filhas como domésticas, acrescentando que estas têm casa e comida o que significa muito hoje em dia⁵⁷.

Considerando a especificidade da produção de uma reportagem, pode-se afirmar que há um esforço de *UH* em construir a *favela* de forma mais dinâmica.

Mas como podemos entender este destaque dado pela *UH* aos aspectos “positivos” da *favela* como um “lugar de renda” e não só de miséria? Como resposta, consideramos ser possível pensar que a exposição dos aspectos econômicos positivos dos moradores das ditas *favelas* teria um sentido de contrapor-se aos textos que constroem a *favela* como *outro*. Já o apontamento de que muitos dos moradores das *favelas* são segurados por diversos Institutos também não parece sem significado, podendo indicar uma forma de pressão deste periódico em relação aos Institutos, para que estes tomem providências em prol da questão habitacional de seus segurados. O que, em última instância, reforçaria o papel social que o próprio jornal se atribui.

De qualquer forma, chama a atenção o fato de que a fala da *UH* sobre o modo de vida dos chamados *favelados* visa não tanto combatê-los, mas, acima de tudo, defendê-los diante do poder público e da opinião negativa em geral, como indica o título de um dos textos do jornal: “Defender os Favelados”⁵⁸. É neste sentido que entendemos ser adequado interpretar a posição do *UH*: mesmo quando reporta a precariedade das condições de vida na chamada *favela*, não é para condenar os *favelados* e os construir como *outro*, mas para denunciar a precariedade das suas condições de vida e, posteriormente, exigir que medidas sejam tomadas para sanar os problemas apontados.

Fazendo isto, o jornal constrói discursivamente a si mesmo, através do exercício de um papel próprio no *campo jornalístico*, isto é, de “um **procurador** eficiente e pontual que tanto defenda os interesses nacionais e coletivos, como atenda também às suas **relações** com a administração, para solução das questões aparentemente simples, mas na realidade sufocantes”⁵⁹.

Ao se colocar a alcunha de procurador “do chefe de família, da dona de casa, do estudante, do funcionário, dos trabalhadores”, o jornal de Wainer está se

⁵⁷ “Falta Absoluta de assistência social nas favelas e nos parques proletários”, *Última Hora*, 07 de julho de 1952, reportagem de Carmem Nicias Lemoine.

⁵⁸ “Defender os favelados”, *Última Hora*, 05 de julho de 1951, p. 4, 1º caderno, coluna *Fala o Povo na Última Hora*.

⁵⁹ “Banca do Leitor”, *Última Hora*, 12 de junho de 1951, p. 2. 1ª seção, seção “Banca do Leitor”.

representando como um mediador entre a sociedade e o Estado, levando as necessidades do primeiro ao conhecimento do segundo, para que este as resolva da melhor forma possível. Proposta identificada tanto nas pautas das reportagens, como nos assuntos abordados na coluna *Fala o Povo na Última Hora*, pois, como já abordado, nesta seção eram publicadas as queixas das camadas populares, fazendo crer que se dava “voz” a estes grupos sociais, isto é, o jornal não estaria apenas falando pelos e dos chamados *favelados*, mas também, abriram espaço para que estes falem por si mesmos.

Dessa forma, pode-se interpretar que o *Última Hora* – um recém chegado, nos termos de Bourdieu - estaria buscando uma posição própria no *campo jornalístico* a partir de uma lacuna existente em ambos os espaços. Lacuna que se localizaria entre um jornalismo voltado às camadas populares, mas com um viés editorial sensacionalista - cujo maior representante seria futuramente o impresso *Luta Democrática*, de Tenório Cavalcanti - e um jornalismo mais preocupado com a qualidade tanto dos textos quanto do público leitor, como o *Correio da Manhã*. Nesse sentido, o *Última Hora* poderia ser compreendido como um jornal que se coloca como “porta-voz” não só das camadas populares, como das “excluídas” – defendendo-as, mas também ressignificando-as. Com isso, pode adquirir prestígio pela sua alta vendagem, mas também pela qualidade do produto que oferece, o que lhe permitia ganhos simbólicos e materiais tanto fora quanto dentro do *campo jornalístico*

Contudo, com base nestes posicionamentos distintos sobre as áreas denominadas como *favelas*, torna-se pertinente indagar se essas distinções se mantêm quando os periódicos constroem o possível seu morador?

Neste contexto como o termo *favela* está em disputa, também existe um conflito para estabelecer qual seria a melhor denominação de seus moradores. No material coletado, percebe-se nos três jornais a concepção de que nas *favelas* vivem tanto trabalhadores quanto *malandros*, entretanto podem-se identificar diferenças entre as concepções dos periódicos analisados.

Em reportagens do *Gerico*, lemos no *Correio* que, “ao lado dos malandros que habitam as favelas, não há como negar, existem famílias de trabalhadores modestos, mas gente de bem, cujos filhos estão sujeitos a perniciosos contágios”⁶⁰. Por isso, em outra matéria, encontra-se a afirmativa de que é difícil compreender “como as famílias

⁶⁰ “Salvemos as crianças faveladas”, *Correio da Manhã*, 14 de fevereiro de 1954, p. 1, 4º caderno, reportagem *Gerico*.

modestas e trabalhadoras que residem no local possam tolerar o ambiente”⁶¹. Entretanto, apelando para os dados do Censo de 1950, em um editorial, o impresso dos Bittencourt afirma que “a população das favelas é, simplesmente, parte do operariado (e até da pequena burguesia) que não encontra outros meios de habitação”⁶². Elemento reforçado em um artigo que destaca que as favelas “abrigam em grande parte a mão de obra da construção civil e em maior parte a mão de obra doméstica”⁶³.

Todavia, apesar do reconhecimento de que existem trabalhadores vivendo nas *favelas*, o que sobressai nas reportagens do *Correio* é a perspectiva de que, “ao lado das modestas, mas decentes famílias que ali residem, vivem em grande número os malandros”, “meliantes”, “assaltantes [...] que infestam morros e favelas”⁶⁴. Assim, se “malandros e mulheres de vida airada tem ali seu reduto, propiciando espetáculos deprimentes e que atentam contra a moral”⁶⁵, os novos moradores das *favelas* “aprendem os hábitos e meios de vida dos malandros que habitam esses núcleos residenciais – se é que merecem esse nome”⁶⁶. Ou seja, há o reconhecimento da existência de trabalhadores morando nas *favelas*, mas, devido à qualidade negativa do ambiente e da população de “malandros e de mulheres de vida airada”, os primeiros tendem a ser suplantados ou corrompidos pelos segundos, anulando-se neste “ambiente permissivo”.

Com representações bem próximas, nos editoriais do *Jornal do Brasil* afirma-se que nas “‘favelas’ existentes em algumas ruas principais da cidade e nas quais vivem, numa promiscuidade anti-higiênica e antissocial, numerosas famílias de operários”⁶⁷, “trabalhadores que ganham discretos salários”⁶⁸. Num artigo assinado por D. do Rego Monteiro⁶⁹, é salientado que “onde está a miséria estão não só maltas de malandros, isto é, de doentes de várias afecções, pela regra comum, como pequenos trabalhadores, mulheres que são mães e meninos”, muitos deles “deverão ser trabalhadores nossos,

⁶¹ “Cresce a favela da Praia do Pinto”, *Correio da Manhã*, 30 de maio de 1954, p. 1, 4º caderno, reportagem *Gerico*.

⁶² “As favelas”, *Correio da Manhã*, 14 de março de 1953, p. 4, 1º caderno, editorial menor.

⁶³ “Os dois Brasis”, *Correio da Manhã*, 20 de dezembro de 1953, p. 2, 1º caderno, artigo assinado por A.C.

⁶⁴ “Até nas favelas há crise de habitação”, *Correio da Manhã*, 24 de setembro de 1953, p. 3, 1º caderno, reportagem *Geriquinho*.

⁶⁵ “Surge mais uma favela em pleno coração da cidade”, *Correio da Manhã*, 24 de agosto de 1954, p. 3, 1º caderno, reportagem *Gerico*.

⁶⁶ “Multiplicam-se assustadoramente as favelas da Zona Norte da Cidade”, *Correio da Manhã*, 23 de agosto de 1953, p. 1, 4º caderno, reportagem *Gerico*.

⁶⁷ “Os cortiços”, *Jornal do Brasil*, 07 de julho de 1951, p. 5, 1º caderno, editorial menor.

⁶⁸ “A verdadeira solução”, *Jornal do Brasil*, 12 de julho de 1951, p. 5, 1º caderno, editorial menor.

⁶⁹ D. do Rego Monteiro clérigo ligado à igreja católica, infelizmente não obteve maiores informações sobre o autor.

pequenos operários da categoria de serventes, aprendizes ou catequizadores, e nossos empregados e empregadas, cozinheiras e lavadeiras, etc.”. Porém, logo na sequência do texto ocorre uma indagação: “Mas o que será deles socialmente, tão afligidos e maltratados assim? E o que será em consequência, dos que reclamam os seus serviços?”

Pois,

Criam-se pobres criaturas – tantas vezes tão bem-dotadas pela natureza – num clima de dor e de tormentos; sua preparação e a que pode chamar-se de preparação para o desespero, para as nevroses, para o ódio, para a revolta – ainda que inúmeros sejam pacíficos e resignados – e espera-se depois o que?... Que deem os melhores exemplos e os frutos mais sadios de bondade e educação!...⁷⁰

Nestes trechos, percebe-se uma posição bem semelhante à encontrada nos textos difundidos pelo *Correio*, ou seja, um reconhecimento da existência de trabalhadores morando nas *favelas*, mas que estão sujeitos aos efeitos negativos das “características próprias” a este local. Como podemos ler em um texto da página de opinião do *JB*: “acredita-se que a maioria dos favelados são elementos turbulentos, vadios, criminosos”, mas

não se procura saber se foram eles que levaram para as ‘favelas’ os vícios, a malandragem, as tendências facínoras, ou foram as ‘favelas’ a esmiuçar nos espíritos de seu desconforto, se sua miséria física e moral, da consideração do medo e da repugnância de que se sentem circundados, tudo o que eles possuíam em suas almas⁷¹.

Mais uma vez, reforça-se a ideia que, mesmo havendo “pessoas decentes” vivendo nas *favelas*, estas serão afetadas pelas “misérias” lá encontradas, “desvirtuando” a sua conduta. Nesse sentido, evidencia-se a associação entre pobreza e má conduta, como se “naturalmente” a primeira levasse à segunda. Reforçando a existência de uma relação entre o “progresso material” e o “progresso moral”, no sentido do primeiro conduzir ao segundo.

Já, nos textos de *Última Hora*, destaca-se que “a favela é habitada por maioria de trabalhadores braçais”⁷². Na coluna *Fala o Povo na Última Hora*, pode-se ler que os

⁷⁰ “Males Sobre Males”, *Jornal do Brasil*, 30 de outubro de 1952, p. 6, 1º caderno, artigo de D. do Rego Monteiro.

⁷¹ “O nosso câncer social”, *Jornal do Brasil*, 13 de outubro de 1951, p. 5, 1º caderno, editorial menor.

⁷² “Famílias enxotadas sem destino”, *Última Hora*, 26 de setembro de 1951, p. 3 e 7, 2º caderno, reportagem *Patrulha de Última Hora*.

chamados *favelados* “são em geral trabalhadores como, soldados de polícia, serventes de pedreiro”⁷³. Ainda mais, numa reportagem, temos que “é preciso ressaltar que quase todas as profissões estão representadas no ‘Esqueleto’, inclusive vinte e seis funcionários municipais⁷⁴. Em outra reportagem, afirma-se que os classificados como *favelados* da Praia do Pinto acumulam diversos empregos humildes, seja na Prefeitura, no comércio ou na indústria⁷⁵. Por isso, um repórter da *UH* considera que nas chamadas *favelas* existe uma “população variada e densa, pequenos auxiliares do comércio, ‘barnabés’ do serviço público, gente de profissão humilde, ‘choumeurs’⁷⁶. Homens, mulheres e meninos que por vezes vivem de biscate e do indiscriminado comércio de bugigangas⁷⁷.

Desse modo, em outra reportagem, destaca-se que “os vadios, malandros, desordeiros e exploradores de mulheres” estão “em pequena porcentagem” em relação aos trabalhadores. Salienta-se, por fim, que aqueles “que exercem profissão ainda estão protegidos pela legislação trabalhista, como por exemplo as domésticas, os que tem a sua disposição assistência social”⁷⁸.

Nesse sentido, mesmo reconhecendo que existem “maus elementos”, que vivem “à margem das ‘agências de controle social’”⁷⁹, há um empenho, especialmente nos textos de reportagem de *UH* em deixar claro que os residentes nas *favelas* são em sua maioria trabalhadores, ou melhor, “o grosso de nossa mão de obra”. Esse elemento fica perceptível nas reportagens, onde se expõe a profissão de cada entrevistado, com referências a: garçom; padeiro; funcionário municipal; lustrador; operário; lavadeiras; vigia; soldado do exército; trabalhador do Jóquei Clube, além de todas as ocupações acima mencionadas.

Neste contexto, não é de se estranhar que em nossa pesquisa o *UH* seja o único jornal que publica denúncias de violência contra os *favelados*. Essas denúncias são

⁷³ “Não se pode mais comprar gêneros na favela do Esqueleto”, *Última Hora*, 04 de julho de 1951, p. 4, 1º caderno, coluna *Fala o Povo na Última Hora*.

⁷⁴ “Os Ministérios da Fazenda e da Educação receberam alugueres de miseráveis casebres do ‘Esqueleto’”, *Última Hora*, 14 de setembro de 1951, p. 3, 2º caderno, reportagem de Edmar Morel.

⁷⁵ “Falta Absoluta de assistência social nas favelas e nos parques proletários”, *Última Hora*, 07 de julho de 1952, reportagem de Carmem Nicias Lemoine.

⁷⁶ Palavra francesa para desempregado.

⁷⁷ “Uma fatia colonial cortando ao meio a metrópole moderna”, *Última Hora*, 08 de julho de 1953, p. 7, 2º seção, reportagem.

⁷⁸ “Bairros Proletários nas proximidades das zonas residenciais e comerciais”, *Última Hora*, 15 de março de 1952, p. 2, 1º caderno, reportagem Fagundes de Menezes.

⁷⁹ “Os Ministérios da Fazenda e da Educação receberam alugueres de miseráveis casebres do ‘Esqueleto’”, *Última Hora*, 14 de setembro de 1951, p. 3, 2º caderno, reportagem de Edmar Morel.

veiculadas, principalmente, na coluna *Fala o Povo na Última Hora*, onde, em um dos casos expostos,

os moradores da favela do Esqueleto procuraram ULTIMA HORA para relatar que estão sendo vítimas de perseguição: seus pequenos depósitos têm sido fechados, sua existência coagida, suas festas – porque também há festas na Favela – censuradas pela polícia. Segundo nos relatam, tentam as autoridades criar na Favela um clima capaz de fazer com que a maior parte dos atuais moradores sejam compelidos a procurar outro teto⁸⁰.

No caso acima, a ação de “perseguição” foi interpretada como uma forma de “coagir o favelado porque ele é pobre”, sendo esta “uma política injusta e antissocial”⁸¹. Poucos dias depois, nesta mesma coluna, encontra-se a descrição de que “mais uma favela clama amparo dos poderes públicos”, e, como palavra de ordem, é indagado no texto: “Resta saber até quando serão os favelados agredidos como se fossem inimigos, ao invés de amparados, por merecerem proteção?”⁸². Outro texto desta mesma coluna considera um “absurdo entregar-se a uma repartição de polícia a solução do problema social. Dá sempre errado”⁸³. Constatando-se ainda, em uma reportagem, que “a população da favela está amedrontada”, porque “ninguém está procurando combater as favelas. Estão guerreando sim, os favelados, como se fossem combatentes de nação inimiga...”⁸⁴.

Novamente interpretamos essa posição da *UH* em prol dos ditos *favelados* como uma forma de o jornal procurar construir sua inserção legítima no debate público e firmar seu posicionamento dentro do *campo jornalístico* por oposição às demais folhas aqui estudadas. Interpretação corroborada pelos discursos autorreferenciais do periódico que o caracterizam, não apenas como um jornal informativo, mas como um agente que intervém ativamente no mundo social, como um “jornal do povo”, que “será eco de sua aspiração, condenando o abuso, fiscalizando a assistência seguida do poder público, pressionando a autoridade pela adoção das soluções imediatas e da execução

⁸⁰ “Defender os favelados”, *Última Hora*, 05 de julho de 1951, p. 4, 1º caderno, coluna *Fala o Povo na Última Hora*.

⁸¹ *Ibidem*.

⁸² “Estão agredindo mais uma favela”, *Última Hora*, 11 de julho de 1951, p. 4, 1º caderno, coluna *Fala o Povo na Última Hora*.

⁸³ “Desamparo”, *Última Hora*, 13 de julho de 1951, p. 4, 1º caderno, coluna *Fala o Povo na Última Hora*.

⁸⁴ “Os favelados não em par onde ir”, *Última Hora*, 24 de julho de 1951, p. 4, 1º caderno, reportagem *Patrulha de Última Hora*.

dos planos de mais longo alcance”⁸⁵. Em suma, o *UH* seria, em suas próprias palavras, “um movimento de reivindicação popular – com o programa de encaminhar as necessidades de cada um e refletir os interesses do país”, do que decorre “a iniciativa de *ULTIMA HORA* de estabelecer uma correspondência diária e constante com o povo”⁸⁶.

Em conjunto, observa-se uma diferença importante entre o *UH* e o *Correio*, pois, enquanto o jornal de Wainer expõe em suas reportagens e na coluna *Fala o Povo na Última Hora* que os chamados *favelados* são vítimas de violência e afirma que vai defendê-los⁸⁷, o *CM*, nas reportagens do *Gerico*, aponta que são os classificados como *favelados* quem ameaçam a cidade e seus “ordeiros” e “civilizados” moradores e destaca que irá livrar a cidade das mazelas que as chamadas *favelas* representariam⁸⁸. A partir da dinâmica do *campo jornalístico* podemos entender que ambos os jornais procuraram formas distintas de autoconstrução do seu papel institucional, assim como, buscam públicos específicos para se colocar como representante na discussão pública.

O *Correio da Manhã*, como um jornal de alto prestígio e reconhecimento entre os pares, ocupando uma posição dominante no *campo*, deseja manter e reforçar sua posição a partir de *estratégias ortodoxas*, isto é, com a difusão de textos mais rebuscados e com maior profundidade analítica, elementos que indicam que seu público alvo eram grupos com capital cultural, social e econômico mais elevados. Já o *Última Hora*, recém-chegado ao *campo jornalístico* e buscando formas próprias de se inserir no debate público, apela para uma linha de ação que pode ser considerada *heterodoxa*⁸⁹, com uma linguagem mais acessível e utilização de muitas imagens, evidenciando que busca atingir as camadas populares, os trabalhadores, mas também, pretendendo se construir como lugar de fala destes grupos.

Em síntese, percebe-se nos textos escritos e/ou difundidos pelos três periódicos a percepção de que nas chamadas *favelas* vivem tanto trabalhadores quanto “maus

⁸⁵ “Banca do leitor”, *Última Hora*, 12 de junho de 1951, p. 2, 1ª seção. Texto explicativo sobre as urnas espalhadas pela cidade, onde deveriam ser depositadas as cartas com as reivindicações dos leitores que seriam publicadas na seção *Fala o Povo na Última Hora*.

⁸⁶ “Banca do leitor”, *Última Hora*, 12 de junho de 1951, p. 2, 1ª seção.

⁸⁷ “Defender os favelados”, *Última Hora*, 05 de julho de 1951, p. 4, 1º caderno, coluna *Fala o Povo na Última Hora*.

⁸⁸ “Libertando a cidade de mazelas”, *Correio da Manhã*, 05 de setembro de 1953, p. 3, 1º caderno, reportagem *Geriquinho*.

⁸⁹ Vale recordar que “ortodoxia” e “heterodoxia” são termos empregados por Bourdieu para definir as diferentes estratégias adotadas pelos dominantes e dominados em um *campo social*, os primeiros interessados na manutenção da estrutura de poder e de oferta de bens (ortodoxia) e os segundos envolvidos na subversão desta “ordem” (heterodoxia).

elementos”, “malandros”. Mas, enquanto o *UH* dá vazão à textos que buscam demonstrar que os *favelados* são em maioria gente trabalhadora, pessoas das mais variadas profissões, e os *malandros* são mais vítimas do que causadores do seu “mal”, construções que poderiam legitimar políticas públicas de maior integração dos moradores das favelas à sociedade, como, por exemplo a criação da Comissão de Favelas que se enquadrava no projeto da Comissão Nacional de Bem-estar Social (CNBS). A CNBS foi criada no Segundo Governo de Getúlio Vargas e era vinculada ao Ministério do Trabalho, visando racionalizar as políticas públicas voltadas ao trabalhador nacional⁹⁰.

Neste caso poderia se argumentar que o esforço de *UH* em construir discursivamente as áreas classificadas como *favela* não como o *outro*, mas como parte constituinte do Rio de Janeiro, e os seus moradores não como predominantemente nocivos, mas também como trabalhadores e sujeitos de direitos como parte de uma “missão” a favor de um projeto político de Getúlio Vargas. Entretanto, seria simplificar demais a questão, pois mesmo que este jornal tenha sido criado para dar respaldo e visibilidade às ações de Getúlio, não foi, uma publicação concebida no formato de um jornal partidário, mas como uma folha comercial, mesmo que tivesse função política. Desta maneira, até para cumprir esta “missão política”, o impresso de Wainer deveria construir o seu próprio espaço no *campo jornalístico* como defensor das causas populares, fator que, aliás, poderia lhe gerar – como, de fato, gerou - força simbólica para agir em favor das causas que defendia. Dessa maneira, as tomadas de posição do *Última Hora* devem ser compreendidas por aquilo que Bourdieu chama de “dupla determinação”. Ou seja, de um lado, os seus compromissos externos ao seu *campo de produção*, notadamente a dependência econômica e as vinculações políticas. E, de outro lado, a luta interna por busca de espaço e ascensão no *campo jornalístico*, que, como apontamos anteriormente, levou a folha de Wainer a produzir um jornalismo de qualidade, mas voltado especialmente para as classes populares, aproveitando-se de um vácuo na imprensa elitizada dos anos de 1950.

Já o *JB* e o *CM*, difundem os textos que constroem a favela como o *outro* e, seus moradores como predominantemente formados por malandros, representando estes

⁹⁰ A Comissão Nacional de Bem-estar Social reuniu os representantes de várias instituições governamentais das áreas da saúde, colonização, habitação, previdência e serviço social, privilegiando um caráter mais “técnico”. “Atrélada à comissão, o governo criou as subcomissões de Seguro Social, Serviço Social, Habitação e Favela, Saúde, Indústrias Domésticas e Artesanato, Colonização e Bem-Estar Rural, Recreação e Cultura, e Assistência Técnica” (OLIVEIRA, 2014, p. 149).

com como perigosos para a cidade, sendo que mesmo a “gente boa” é afetada pelo convívio com estes *malandros*. Em decorrência, não se pode esperar dos *favelados* “que deem os melhores exemplos e os frutos mais sadios de bondade e educação”. Não por acaso tais representações poderiam legitimar políticas públicas remocionistas, de “extinção” ou desmonte e não de integração, como ocorreu na década de 1950 com o Morro do Castelo, que foi destruído para dar lugar ao que hoje se conhece como o Aterro do Flamengo, ou um pouco posteriormente com o governador Carlos Lacerda que removeu 41.958 moradores (1962–1965) de 27 áreas.

Conclusão

Ao longo deste texto, vimos que o termo *favela* é repleto de significações, havendo, assim, diversas possibilidades para a sua apropriação em um discurso. Como realidade dinâmica e mesmo surpreendente para os homens e mulheres que acompanharam o surgimento, crescimento e transformação demográfica dessas áreas de habitação ao longo do século XX, a *favela* também é fruto de diversas e constantes reconfigurações discursivas. Reconfigurações estas que estão longe de serem apenas disputas de eruditos para compor um dicionário da língua portuguesa, mas envolvem toda uma percepção de mundo e consequentes formas de agir sobre ele.

Neste sentido, identificou-se, na década de 1950, um período ímpar para o estudo das *representações sociais* sobre essas áreas habitacionais, condição provavelmente associada às impactantes transformações pelas quais as zonas classificadas como *favelas* estavam passando. Mas não só por isto, na medida em que a riqueza deste trabalho semântico não pode ser compreendida se não levarmos em conta a dinâmica que os espaços produtores de discursos e saberes sobre o social (*campos de produção simbólica*) igualmente apresentam. A partir da sua área específica de produção de bens simbólicos, o *campo jornalístico*, os diários difundiram, mas também produziram visões e saberes sobre o tema em discussão.

Divergências e aproximações havia entre os impressos. No *Jornal do Brasil* e no *Correio da Manhã*, por exemplo, encontramos a representação das áreas chamadas *favelas* como “outro”, tomando como parâmetro de comparação um Rio de Janeiro mais idealizado do que “real”, construindo imagetivamente uma cidade ideal muito próxima das concebidas pelo urbanismo sanitarista, que enfatiza o embelezamento em detrimento da funcionalidade.

Assim, por oposição ao *outro* da *favela*, jornal dos Bittencourt e seus leitores são construídos discursivamente como civilizados, ocidentais, em suma, a “cidade”. Entretanto a divergência está na forma de esboçar estas opiniões, sendo que, no *Correio*, há a predominância de textos editoriais e das reportagens do *Gerico*, enquanto no *JB*, a maioria dos escritos é de articulistas que compõem a equipe fixa do periódico e de autores externos, o que é interpretado como um sintoma das posições que tradicionalmente estes periódicos ocupam no *campo jornalístico*. O *Correio*, que construiu o seu capital de prestígio como um “jornal de opinião”, mas sem vínculos partidários, e que ocupa uma posição dominante entre seus pares, coloca-se como produtor por excelência de suas falas, apelando topicamente para dados e relatórios oficiais que submeteu à sua própria interpretação. Para tanto, até dispõe de um espaço editorial específico voltado para temas urbanos – *Arquitetura* – cuja abordagem das *favelas* gera um efeito retórico de tratamento mais “técnico” do que opinativo sobre o assunto feito pelo próprio jornal. Já o *JB*, historicamente procurando salientar a sua “neutralidade” e em trajetória descente no período, apela mais para a responsabilização de seus jornalistas e pelo apoio da fala autorizada de outros campos, em especial o urbanista, com o qual parece ter mais afinidades.

Quando investigamos o jornal *Última Hora*, contudo, identificamos menos a construção da *favela* como *outro* e mais como um *nós*, definido a partir da identidade do chamado *favelado* com os demais moradores da *urbes* pela condição de trabalhador e produtor de renda. O que, segundo nossa interpretação, deriva da posição que este impresso procura construir no interior do *campo jornalístico*, isto é, como um “jornal do povo”, a serviço do “povo”, especialmente das camadas populares, ofertando, assim, visões diferentes, por vezes até opostas, sobre questões sociais, do que as difundidas pelos demais jornais da “grande imprensa” brasileira. Em consequência, nas páginas do *UH* há uma predominância dos “trabalhadores” em relação aos “malandros” na composição da população dita *favelada*, enquanto no *JB* e no *CM* ocorre a prevalência dos segundos e construção destes como perigosos mais para “a cidade” do que propriamente para os “favelados”.

Por fim, devemos salientar que, ao representar as chamadas *favelas* como lugar de carências como os demais impressos fizeram, o jornal de Samuel Wainer busca evidenciar esta situação, não em um tom de condenação, mas sim de denúncia. Isto é, faz a queixa pública das precariedades das condições de vida dos chamados *favelados*, para, então, exigir medidas corretivas, sanadoras. Ao fazer isto, o *UH* reforça o papel

que pretende construir discursivamente para si, ou seja, de “procurador eficiente e pontual” dos “necessitados”, assim, um mediador entre a sociedade e o Estado. Para tanto, procura “se vender” como o jornal que dá “voz” ao povo, não apenas falando pelos e dos chamados *favelados*, mas, também, abrindo espaço para que estes falassem por si mesmos. Isto permitiria ao jornal de Wainer uma forma própria de se inserir no *campo jornalístico*, por um “jornalismo de qualidade”, mas “porta-voz” não só das camadas populares, como das “excluídas”, obtendo, com isto, ganhos simbólicos e materiais tanto fora quanto dentro do *campo jornalístico*.

De outra parte, ao colocar-se como “porta-voz” do povo na discussão pública o *Última Hora* coloca-se igualmente em oposição a outro agente do *campo jornalístico*, o *Correio*. Entretanto, a partir dos textos da seção *Fala o Povo na Última Hora* e do *Gerico*, do *CM*, pode-se constatar que os periódicos não se referem ao mesmo “povo”, pois, para o jornal de Wainer, este “povo” seria identificado com as classes populares, notadamente os mais despossuídos, como os *favelados*, enquanto, no *Correio da Manhã*, o “povo” seria exatamente o cidadão das classes médias e altas incomodado com o *favelado* supostamente defendido pelo jornal de Wainer. Diferenças que, novamente, expressariam as estratégias distintas de inserção no debate público de cada jornal a partir da sua destinação a diferentes públicos.

Todas estas distâncias e aproximações, porém, ficariam sem sentido se fossem apenas evidenciadas isoladamente, sem elementos mais gerais, mais estruturais, que as alinhavassem. Ao contrário disto, defendo que elas oferecem indícios das visões de mundo que preponderam nos periódicos. Bem como expõe projetos distintos de sociedade, que, por sua vez, legitimam políticas públicas até divergente. Além de evidenciar conflitos intra-campo entre os jornais estudados, para se construir de forma mais legítima do debate público, e, com isso, ampliar sua capacidade de intervenção na sociedade.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABREU, Alzira Alves de (coord). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: Pós 1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001.
- ABREU, Maurício de. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO; Zahar, 1987.

AMOROSO, Mauro. A favela faltou na foto: a cobertura do desmonte do Santo Antônio pelas lentes do Correio da Manhã. **Revista Cantareira**, Niterói, v. I, n. I, 2009.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.

BAER, Werner. **A economia Brasileira**. São Paulo: Nobel, 1996.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: 70, 2011.

BERNARDES, Nilo. O pensamento geográfico tradicional. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v.44, n. 3, jul./set. 1982.

BOURDIEU, P. **A produção da crença: contribuições para uma economia dos bens simbólicos**. Porto Alegre: Zouk, 2015a.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2015b.

_____. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Trad. de: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Perspectiva, 1989.

_____. O mercado de Bens simbólicos. In.: MICELI, Sérgio (Org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____; PASSERON, Jean-Claude. **Os Herdeiros**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução de: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002a.

_____. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002b.

COSTA, Reginaldo Scheuermann. **A Fundação Leão XIII Educando os Favelados (1947-1964)**. 2015. 350f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

DAVIS, Mike. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Recenseamentos Geral do Brasil (1º de setembro de 1940)**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1950.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico de 1950**. Rio de Janeiro Conselho Nacional de Estatística - Serviço Nacional de Recenseamento, 1956.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico de 1960**. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Departamento de Estatística de População.

MERRICK, Thomas. A População Brasileira a Partir de 1945. In.: BACHA, Edmar Lisboa; KLEIN, Herbert S. **A Transição Incompleta: Brasil desde 1945**. v. I: População, Emprego, Agricultura e Urbanização. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MÜLLER, Glaucia Regina Ramos. **A influência do Urbanismo Sanitarista na transformação do espaço urbano em Florianópolis**. 2002. 137f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

OLIVEIRA, Samuel Silva R. de. **“Trabalhadores Favelados”**: identificação das favelas e movimentos sociais no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. 2014, 331f. Tese (Doutorado em História) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2014.

PACHECO, Joice Oliveira. Identidade cultural e alteridade: problematizações necessárias. **Revistas Spartacus**, Santa Cruz do Sul, 2004.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo: Editora Best Seller, 1999.

SINGER, Paul. **A economia política da urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

SOUSA, Maria do Carmo Campello de. **Estado e partidos políticos no Brasil: 1930-1964**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VALLADARES, Lícia do Prado; MEDEIROS, Lidia. **Pensando as Favelas do Rio de Janeiro, 1906 – 2000: uma bibliografia analítica.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ: URBANDATA, 2003.

